



RELAÇÕES DE GÊNEROS E A (CON)FORMAÇÃO DE MULHERES CIENTISTAS

Maria Rozana Almeida¹
Paula Regina Costa Ribeiro²

Resumo

O presente artigo tem como foco a inserção e a participação de mulheres cientistas - pesquisadoras no Continente Antártico, buscando problematizar alguns discursos e práticas sociais implicados na constituição de ser mulher, especialmente na identificação de atributos que buscam (con)formar corpos e lugares, haja vista tratar-se de um lugar inóspito e majoritariamente masculino. A partir de atributos ditos masculinos ou femininos, discursos são estabelecidos indicando as atividades que podem ou não ser executadas por mulheres cientistas, estabelecendo relações de poder e (con)formando os lugares a serem ocupados por essas mulheres. Sendo o poder, conforme Foucault, relação e exercício, e não lugar e posse, essa relação, abre sempre a possibilidade de um contra-exercício, ou seja, a resistência.

Palavras-chave: Gênero, relações de poder, resistência.

Introdução

Historicamente, o movimento feminista tem ao longo do tempo trazido a tona discussões sobre as questões que envolvem as relações de gêneros. Em um primeiro momento a reivindicação residia em prol do voto feminino, o denominado sufrágio. Após, as feministas buscam o espaço denunciando formas de opressão contra a mulher e reivindicando direitos iguais. No Brasil, é a partir de 1980, que as feministas irão se apropriar da discussão de gênero. Nesse período, fora do Brasil, já haviam formulações teóricas aprofundadas e muitas são as teóricas que abordaram a discussão sobre relações de gênero, perpassando diversas conceituações (GROSSI, 1998).


No campo da ciência são várias as teóricas que abordam a questão relações de gêneros, o lugar determinado para mulheres e a (in)visibilidade das mulheres, especialmente em determinadas áreas. De acordo com a Schienbinger:

os estudiosos de gênero na ciência tendem a fazer uma distinção entre o ingresso das mulheres na ciência e a mudança no conhecimento: o ingresso das mulheres na ciência é geralmente considerado o mais fácil dos dois. Embora o progresso na

¹ Doutoranda em Educação em Ciências, Universidade Federal de Rio Grande - Furg. E-mail: mrozana.rodrigues@gmail.com..

² Professora titular, Bolsista Produtividade CNPq 1C, Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com





carreira para as mulheres seja crucial, está claro também que as mulheres não obterão igualdade com os homens a menos que certos aspectos da ciência e da cultura científica se abram à análise de gênero”. (SCHENBINGER, 2001, p. 40).

Na construção social da identidade, reside a importância do pensamento de Foucault, especialmente no que se refere às relações de poder, a partir das possibilidades de pensar as relações de gênero e suas (con) formações, no que tange o as posições de sujeitos às mulheres e os lugares que por elas devam ser ocupados, bem como a produção de novas subjetividades.

Nesse cenário, a investigação desenvolvida na presente proposta de artigo tem como foco a inserção e a participação de pesquisadoras no Continente Antártico, buscando problematizar alguns discursos e práticas sociais implicados na constituição de ser mulher, especialmente na identificação de atributos que tentam (con)formar corpos e lugares, haja vista tratar-se de um lugar inóspito e majoritariamente masculino. A partir de atributos ditos masculinos ou femininos, discursos são estabelecidos indicando as atividades que podem ou não ser executadas por mulheres, estabelecendo relações de poder e (con)formando os lugares a serem ocupados por essas mulheres.

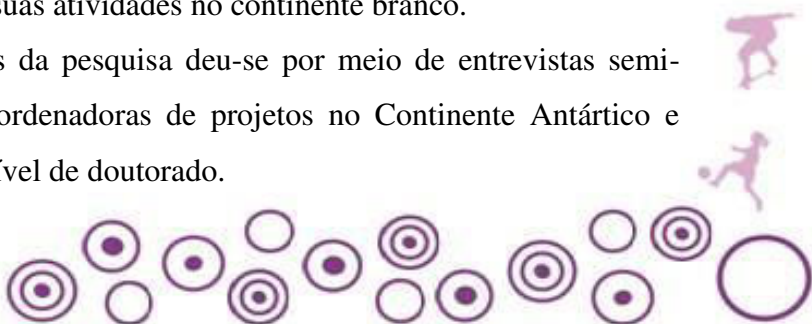
A proposta do presente artigo se justifica, a partir da caracterização daquele espaço, extremamente inóspito à vida humana e que conforme Simões (2016), não há estudos específicos, de que se tenha conhecimento, sobre a participação das mulheres no Programa Antártico Brasileiro, mas é possível afirmar que foi uma mulher a maior defensora da presença brasileira naquele continente, nos anos 1950, 1960 e 1970. A professora Therezinha de Castro foi autora do primeiro livro de Geopolítica Antártica escrito no Brasil. O “Rumo à Antártica”, publicado em 1976, o qual ainda se caracteriza como uma referência sobre a todos/as que se interessam pelo assunto.


Analisar as narrativas de mulheres cientistas, buscando compreender as diferenças observadas é extremamente instigador, já que conforme o teórico Foucault, o poder é relação e exercício, e não lugar e posse. Sendo relação, abre sempre a possibilidade de um contra-exercício, ou seja, a resistência

Apresentando questões metodológicas

Nessa análise, buscar-se-á compreender as narrativas de mulheres que tiveram a oportunidade de realizar suas pesquisas no continente Antártico, tornando visíveis suas experiências com o desenvolvimento de suas atividades no continente branco.

A produção dos dados narrativos da pesquisa deu-se por meio de entrevistas semi-estruturadas, com três pesquisadoras/coordenadoras de projetos no Continente Antártico e com duas alunas de pós-graduação, em nível de doutorado.





As entrevistas versaram sobre a trajetória acadêmica e profissional dessas mulheres, a motivação para a escolha da área de atuação, a vivência e experiência dessas pesquisadoras ao desenvolver seus trabalhos em um ambiente inóspito, de difícil acesso e com a presença majoritariamente de homens. As pesquisadoras serão identificadas e apresentadas pela ordem das entrevistas, sendo designadas como P1; P2, P3, P4 e P5. As pesquisadoras são da área das Ciências do Mar.

Larossa (1996), afirma que as nossas histórias contadas por meio das narrativas passam a dar sentido a quem somos e a quem são os outros, constituindo assim as identidades de gênero, cientistas, classe, mãe/pai, filha/o, esposa/o, sexuais, étnico-raciais, entre outras. Assim, apresentamos algumas narrativas das entrevistadas sobre ser mulher cientista no Continente Antártico.

Algumas narrativas e discussões

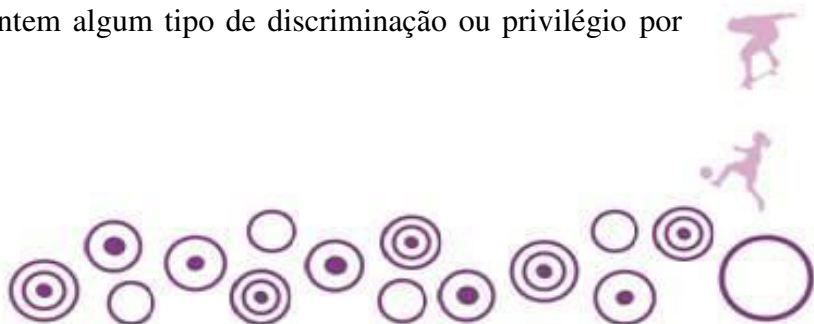
A análise das narrativas é uma tarefa complexa, pois tem de um lado a pessoa que busca em sua memória e sentimentos respostas para algumas perguntas que talvez em nenhum outro momento tenha pensado naquele assunto e/ou da forma que está sendo colocado, do outro lado o/a pesquisador/a, com suas dúvidas, certezas e incertezas, ouvindo o que é dito tentando compreender o lugar de quem está narrando. De acordo com Corazza:

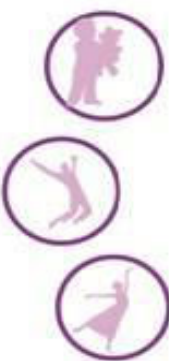
cada prática de pesquisa é uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, que sempre está assinalada pela formação histórica em que foi constituída. Formação histórica esta que marca o lugar discursivo de onde saímos; de onde falamos e pensamos, também de onde somos faladas/os e pensadas/os; de onde descrevemos e classificamos a(s) realidade(s). (2002, p. 124)

E assinala ainda que uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, suscitando acontecimentos, dizendo respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os e como entramos no jogo de saberes.

As entrevistas permitem interpretar, mesmo que de forma provisória ou parcial, a partir das falas das entrevistadas, situações vivenciadas em que discursos buscam (con)formar o lugar a ser ocupado por essas mulheres e as atividades que poderão ser realizadas pelas mesmas.

A seguir apresentamos as narrativas das mulheres cientistas, quando questionadas sobre o tratamento que recebem e se sentem algum tipo de discriminação ou privilégio por serem mulheres.





“(…)… Eu não tive tratamento privilegiado por ser mulher, talvez tenha tido tratamento por ser eu… (..)] “... mas já vi comentários de colegas, que determinadas coisas estão acontecendo porque é mulher...”. P1 “(…)… a maior discriminação que eu sofri... não foi aqui... foi no Canadá... e a pessoa se rendeu ao papel que a gente estava prestando, depois de reclamar muito e dizer que lugar de mulher era em casa... ele acabou reconhecendo que o trabalho que a gente estava fazendo era muito importante e ele começou a cuidar de nós como um colega de trabalho”.P1)

“Já fui impedida de realizar algumas atividades, por me julgarem fisicamente frágil, apesar de ser bem mais forte do que muitos amigos homens. Já tive que ver meu orientador dizer que não levaria mais mulheres pro navio, porque chamamos atenção da tripulação. P2

“Não, nunca senti nenhum tipo de discriminação por ser mulher, em nenhum sentido. Talvez porque o trabalho que executo com micro-organismos (em laboratório ou campo) não exija tantas atividades grosseiras ou de equipamentos pesados demais, como exigido em alguns outros projetos ou áreas específicas”. P3

“Sim. Por exemplo, não fui considerada para um embarque porque os líderes do grupo de trabalho não queriam levar mulheres para não chamarem atenção, já que o ambiente é em maioria de homens no navio”. P4

“Eu nunca senti essa discriminação.” P5

“Sim. Alguns deles super incentivam nossa participação em trabalho de campo, ajudam no que realmente fica difícil fazer sozinha (não necessariamente por ser mulher, mas por entenderem que é algo pesado pra se fazer só), enquanto outros são completamente contra nossa participação em campo”. P2

“Certamente, quando são necessários esforços extremos em atividades práticas, que utilizam equipamentos mais pesados, há um cuidado diferente por parte dos colegas, no sentido de facilitar ou auxiliar em atividades deste tipo”. P3)

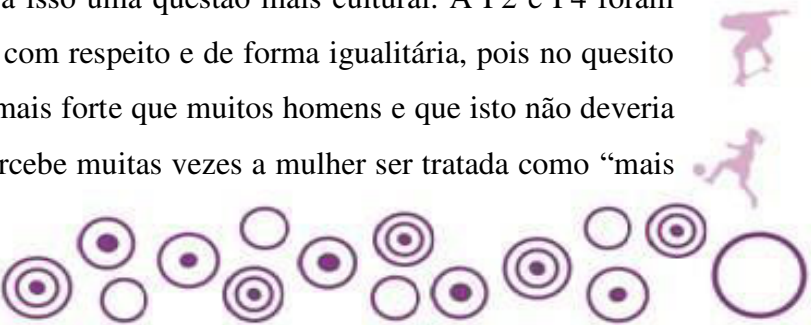
“Sim. Muitas vezes, um pedido feito por uma mulher à um homem tem uma resposta diferente de um pedido de um homem feito ao mesmo homem, então diversas vezes, onde a maioria de trabalhadores eram homens, as mulheres conseguem “vantagens” de trabalho por ser um pedido de mulher. Ao mesmo tempo, muitas vezes faltam com respeito por sermos mulheres, e conseguirmos as coisas apenas por sermos mulheres e não pela competência que temos”.P4


“Depende da personalidade e temperamento do colega. Alguns são mais educados e cavalheiros e outros nem tanto”. P5

Situações são narradas e vivenciadas (con)formando lugares que poderão ou não ser ocupados pelas mulheres cientistas, demonstrando muitas vezes uma tentativa de afirmar que aquele lugar não seria um ambiente apropriado para mulheres. A naturalização de determinados discursos se faz presente. Ao serem questionadas sobre os cuidados, percebe-se uma naturalização em algumas ações, incluindo cuidados supostamente necessários.

Nas narrativas, a naturalização surge também em relação ao aspecto “tratamento privilegiado por ser mulher”. As entrevistadas, em sua maioria, não percebem qualquer tipo de privilégio, mas sim de afinidade entre as pessoas que naquele momento estão convivendo, ou inclusive, um maior cuidado pelo fato da mulher ser considerada mais frágil, apesar de haver comentários que algo aconteceu dessa ou daquela forma, por ser mulher.

As pesquisadoras P1, P3 e P5 entendem que não existem muitos privilégios, talvez apenas a questão do cuidado e atribuem a isso uma questão mais cultural. A P2 e P4 foram mais enfáticas que preferiam ser tratadas com respeito e de forma igualitária, pois no quesito força física, inclusive, a P2 se considera mais forte que muitos homens e que isto não deveria estar vinculado a questão gênero, pois percebe muitas vezes a mulher ser tratada como “mais





frágil” e que brincadeiras do tipo “está com TPM” quando uma mulher se estressa ainda são frequentes.

Com relação a discriminação pela questão “mulher”, as pesquisadoras que são coordenadoras de projetos dizem que nunca perceberam com elas qualquer tipo de discriminação, mas que já ouviram falar a ocorrência com outras mulheres, já as que não são coordenadoras, colocam que sim e que ocorre com muita frequência.

Há de se considerar o processo de resistência, bem como o lugar que essas mulheres ocupam, tendo em vista que elas chegam nesse espaço já como coordenadoras, com tratamentos diferenciados por conta da hierarquia existente e portanto, sem a ocorrência de determinadas situações. Necessário se apreender as relações de poder estabelecidas para melhor compreender as relações de gêneros.

Segundo Foucault, o poder deve ser pensado não como uma propriedade, como um bem que alguém possui e que pode ser cedido a outra pessoa, mas sim a partir do caráter relacional entre os termos que o compõem. Estas relações de forças atuam como ações de uns sobre outros. Essa relação de forças está alicerçada em uma constituição histórica. Portanto faz-se necessário uma análise histórica, presente no momento em que a situação está inserida, bem como as lutas que permeiam todas as relações de poder.


São muitas as lutas empreendidas por mulheres ao longo da história, no sentido de reivindicar os seus lugares nas diversas áreas. Para Foucault o discurso vai acentuar o vínculo entre as relações de forças e as relações de verdade. Verdade esta que não pode ser considerada como universal, mas sempre parcial, marcada pela posição em que o sujeito que fala encontra-se inserido.

Ainda de acordo com Foucault:

“os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarita ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras”. (1988, p. 96).

Estar em uma relação de coordenadoras de projetos situam essas mulheres em outro lugar, em que situações de sexismos ou discriminações, talvez não ocorram pelas relações de poder ali estabelecidas, devendo ser considerado também o momento histórico em que essas mulheres foram entrevistadas. Ao mesmo tempo em que chegar nesse local, apenas como alunas da pós-graduação colocam essas cientistas em um outro lugar, em que situações são





narradas de forma a discordar e se mostrarem resistentes a determinadas situações, chegando a dizer que preferiam menos “vantagens” e mais respeito pelas competências que possuem.

Considerações

É possível observar que atributos físicos femininos e masculinos são exigidos, o que nos coloca na questão física e psicológica como “frágeis”, “mais fracas”, “peso morto”, “alvo fácil”, “menos capazes”. Nesse sentido, homens e mulheres passam a se (con)formarem a partir dessas construções e, inclusive, podendo naturalizar determinadas situações. Nessa perspectiva, faz-se necessário problematizarmos as relações de poder existentes nos diversos espaços, a fim de repensarmos as situações vivenciadas por muitas mulheres hoje na sociedade. São muitos anos de preconceitos estabelecidos.

Parece-nos importante refletir sobre o conceito de resistência em Foucault, conforme nos aponta Revel:

Não é (...) fundamentalmente contra o poder que nascem as lutas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder. E inversamente: se não houvesse resistência, não haveria efeitos de poder, mas simplesmente problemas de obediência. (2005, p. 76).

Importante refletirmos sobre a histórica luta das mulheres e os obstáculos impostos para que as mesmas conquistem determinados lugares, os efeitos das relações de poder estabelecidas em certos ambientes, assim como as resistências travadas por essas mesmas mulheres, no sentido de demonstrar capacidades e competências ou até mesmo de não identificar situações consideradas veladas.

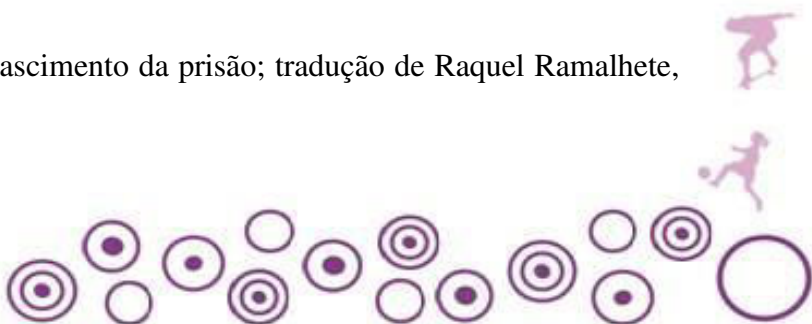
Precisamos aprofundar estudos e promover discussões que buscam tornar visíveis as experiências de mulheres em ambientes ditos masculinos, buscando refletir sobre as resistências e dificuldades enfrentadas e as relações de poder estabelecidas, especialmente no campo do desenvolvimento da ciência.

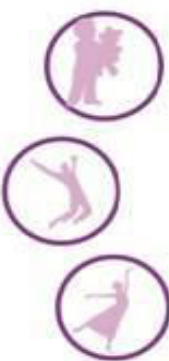
Referências

CHASSOT, Attico. **A Ciência é masculina?** É sim, senhora! 2. ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2009.

CORAZZA, Sandra Maria. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos investigativos**. Novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete, 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.





_____. **História da sexualidade**. v. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988, p.96

_____. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Coleção Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFSC, 1998

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiência de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996. p. 461-482.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2004.

REVEL, J. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005

SCOTT, Joan W. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a Ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar
Diagramação: Thomas Aguiar

